

NARRATIVAS EM DISPUTA: A COBERTURA PARATEXTUAL DA CHACINA DO JACAREZINHO PELOS JORNAIS O GLOBO E EXTRA¹

Pedro Augusto Campos Della Favera²

Ricardo Ferreira Freitas³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

A Chacina do Jacarezinho perpetrada em Maio de 2021, com 28 mortes, intensificou o debate sobre violência estatal. Este artigo analisa as narrativas de O Globo e Extra, focando em elementos paratextuais (títulos, imagens, legendas) e sua influência na legitimação ou contestação da violência. A pesquisa adota a Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2005), Necropolítica (Mbembe, 2018), Criminologia Crítica (N. e V. M. Batista, 1990, 2003, 2007, 2011, 2015) e estudos sobre Paratexto (Genette, 2009) para investigar como esses elementos guiaram a leitura e dialogaram com o "senso comum criminológico". Analisou-se o corpus paratextual das edições de 7 a 12 de maio de 2021. Os resultados mostram que, apesar de um enquadramento inicial que poderia reforçar estereótipos, a cobertura paratextual evoluiu para uma postura crítica, expondo contradições oficiais, humanizando vítimas e questionando a letalidade. A análise comparativa aponta um papel significativo da imprensa na pauta do sistema penal e na denúncia da violência estatal.

Palavras-chave

Chacina do Jacarezinho; Cobertura midiática; Narrativas jornalísticas; Violência policial; Necropolítica

INTRODUÇÃO

Em 6 de maio de 2021, a comunidade do Jacarezinho, na Zona Norte do Rio de Janeiro, foi palco da operação policial mais letal da história do estado, resultando na morte de 27 moradores e um policial civil (INSTITUTO VLADIMIR HERZOG, 2023). Nomeada "Operação Exceptis", a incursão foi justificada pela Polícia Civil (PCERJ) como necessária para cumprir mandados de prisão. Contudo, denúncias de movimentos sociais e investigações posteriores apontaram para uma retaliação generalizada pela

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 2º Semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: favera.pedro@graduacao.uerj.br

³ Professor Titular da Faculdade de Comunicação Social da Uerj. Doutor em sociologia pela Sorbonne. Bolsista PQ2 do Cnpq e Cientista do Nosso Estado da FAPERJ.

morte do policial no início da ação. A brutalidade do evento foi acentuada pelo flagrante desacato à decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) na ADPF 635⁴, que suspendia operações policiais em favelas durante a pandemia, salvo em casos de "absoluta excepcionalidade". O próprio nome "Exceptis" – corruptela do latim para "exceção" – simboliza uma afronta à autoridade judicial, enquanto relatos de execuções, tortura e alteração de cenas de crime expuseram a face mais cruel da violência de Estado.

Para compreender a magnitude da chacina, é preciso situá-la no contexto do território. O Jacarezinho é uma comunidade marcada pela marginalização histórica de populações negras e pobres (ABREU, 2020). Antigo polo industrial, o bairro sofreu um processo de decadência que substituiu a chaminé pela violência institucionalizada como seu principal símbolo, tornando-se o local com maior índice de letalidade policial no Rio de Janeiro (GENI/UFF, 2022). Esse cenário é legitimado pela retórica da "guerra às drogas", um dispositivo discursivo que elege a juventude pobre e negra como inimigo interno, justificando a força letal (BATISTA, 2011). Neste contexto, a morte se torna o objetivo de uma política de segurança legitimada pela produção e gestão do medo social, materializando o conceito de necropolítica de Achille Mbembe.

A percepção pública sobre o evento é profundamente influenciada pela cobertura da mídia de massa, que pode legitimar ou questionar as ações do Estado (BATISTA, 2015). Este estudo se debruça sobre os jornais *O Globo* e *Extra*, focando em seus elementos paratextuais (títulos, fotos, legendas). O paratexto, conforme Gérard Genette (2009), é um "limiar" que molda a interpretação do leitor, sendo o espaço privilegiado para a operação do "senso comum criminológico midiático" (BATISTA, 2011).

Diante do exposto, este trabalho objetiva investigar como os paratextos de *O Globo* e *Extra* construíram a narrativa sobre a Chacina do Jacarezinho. Busca-se compreender, a partir da abordagem metodológica de Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2005) se reforçaram a lógica repressiva da "guerra" e da necropolítica ou se, ao contrário, promoveram uma postura crítica, questionando a versão oficial e contribuindo para um debate qualificado sobre segurança pública, racismo estrutural e o papel da imprensa na defesa dos direitos humanos.

⁴ A Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) é um instrumento jurídico previsto na Constituição brasileira para contestar atos do poder público que violem preceitos fundamentais. A ADPF 635, conhecida como "ADPF das Favelas", foi a ação que resultou na decisão do STF que restringiu as operações policiais nas comunidades do Rio de Janeiro durante a pandemia de Covid-19.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo mobiliza um arcabouço teórico que articula a Necropolítica (Mbembe, 2018) e a Criminologia Crítica (Batista, 1990; Batista, 2011) para interpretar o fenômeno da violência estatal. A análise do corpus jornalístico, por sua vez, é guiada pela Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2005), com foco nos elementos paratextuais (Genette, 2009). A articulação desses campos permite decodificar as estratégias de representação da violência e compreender suas raízes políticas e sociais.

A teoria da Necropolítica de Achille Mbembe (2018) fornece o substrato conceitual. Mbembe argumenta que a soberania moderna reside no poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer, um "fazer morrer e deixar viver" que se manifesta em estados de exceção. Nesses espaços, o racismo funciona como a tecnologia que divide a humanidade entre vidas sagradas e descartáveis. Essa lógica transforma territórios como as favelas em "mundos de morte", onde a eliminação física de seus habitantes, os "mortos-vivos", não constitui crime nem tragédia.

A Criminologia Crítica, na vertente de Nilo e Vera Malaguti Batista, conecta a necropolítica à estrutura socioeconômica. Rompendo com explicações morais do crime, esta corrente demonstra a correlação entre a seletividade do sistema penal e as necessidades de controle social do capitalismo (BATISTA, 1990). Em oposição, a "criminologia midiática" opera um discurso simplificador que fomenta o pânico moral, elegendo "inimigos" estereotipados (o "traficante") para ocultar as funções latentes do sistema penal: a gestão e o extermínio de populações indesejáveis (BATISTA, 2015).

Metodologicamente, a pesquisa é guiada pela Análise Crítica da Narrativa (ACN), proposta por Luiz Gonzaga Motta (2005). A ACN trata a narrativa jornalística como um dispositivo argumentativo que organiza a realidade de forma ideologicamente orientada. Para isso, analisa de forma integrada o plano da expressão (escolhas linguísticas), o plano da estória (personagens, conflitos) e o plano da metanarrativa (mitos culturais, como a "guerra" do bem contra o mal).

A aplicação da ACN neste estudo se operacionaliza através do foco nos elementos paratextuais, com base na teoria de Gérard Genette (2009). O paratexto — o conjunto de elementos como títulos e imagens que forma um "limiar" ou "vestíbulo" — é o principal dispositivo através do qual o jornalismo orienta a recepção de uma obra. É nesse espaço que a manchete condensa o estereótipo e a fotografia desumaniza a vítima.

Portanto, analisar os paratextos não é um método distinto, mas a própria aplicação da ACN ao plano da expressão, permitindo observar a necropolítica em ação e como a mídia reforça o senso comum criminológico (BATISTA, 2011). Decifrar os paratextos é, assim, crucial para desvendar as narrativas dominantes e avaliar o papel da imprensa na contestação ou reprodução das estruturas de poder.

METODOLOGIA

O objeto de análise deste estudo são os elementos paratextuais – títulos, subtítulos, legendas, infográficos e fotografias – das edições impressas dos jornais O Globo e Extra. O corpus selecionado compreende as publicações veiculadas entre 7 e 12 de maio de 2021, período de seis dias imediatamente posterior à Chacina do Jacarezinho. A escolha deste intervalo é crucial para observar a construção e a evolução do tratamento editorial sobre o evento.

A metodologia combina a Análise Crítica da Narrativa (ACN) de Luiz Gonzaga Motta (2005) com a teoria do Paratexto de Gérard Genette (2009), investigando como esses elementos peritextuais "comandam toda a leitura" (GENETTE, 2009, p. 9-10). A análise parte da premissa de que "nenhuma narrativa é ingênua" (MOTTA, 2005, p. 1-5), tratando o discurso jornalístico como um dispositivo argumentativo que organiza a realidade. O processo interpretativo focará em como elementos isolados se integram para compor um "acontecimento paratextual singular", investigando a construção de "personagens" discursivos (o "policial", o "traficante"), os conflitos que estruturam o relato e as metanarrativas subjacentes, como a lógica da "guerra às drogas".

A seleção dos jornais O Globo e Extra para a análise das narrativas sobre a Chacina do Jacarezinho é estrategicamente pertinente, visto que ambos os periódicos integram o Grupo Globo (MEDIA OWNERSHIP MONITOR, 2017) e operam com redações unificadas desde fevereiro de 2017 (MEDIA OWNERSHIP MONITOR, 2017; O GLOBO, 2017). Apesar dessa coordenação estrutural, os jornais mantêm perfis editoriais distintivos: O Globo é reconhecido como um jornal de referência, com uma abordagem mais tradicional e voltado a um público de classes socioeconômicas mais elevadas (A e B), buscando a credibilidade da "informação confiável" (MEDIA OWNERSHIP MONITOR, 2017; PREVEDELLO, 2007). Em contraste, o Extra adota um estilo linguístico e gráfico "popular", mais rápido e direto, direcionado

majoritariamente às classes C e D, com forte ênfase em notícias cotidianas, entretenimento e, notadamente, na cobertura policial (MEDIA OWNERSHIP MONITOR, 2017; PREVEDELLO, 2007). Essa dualidade oferece um campo de análise comparativa rico, permitindo investigar como as narrativas sobre o mesmo evento são construídas para diferentes segmentos de leitores e se funcionaram para reforçar estereótipos ou para promover uma postura de crítica e questionamento da ação policial.

ANÁLISE DAS NARRATIVAS MUDIÁTICAS

A análise da cobertura da Chacina do Jacarezinho pelos jornais *O Globo* e *Extra* revela um processo discursivo complexo e dinâmico, que se afasta de uma simples reprodução da versão estatal para se tornar um campo de disputa narrativa. A trajetória que se segue demonstra uma progressiva desconstrução da narrativa oficial, culminando em uma crítica sistêmica à violência policial.

No primeiro dia, 7 de maio, a cobertura de ambos os jornais estabeleceu o paradigma da "guerra" como moldura inicial para o evento. A estratégia do *Extra*, com a manchete "25 mortos no Jacarezinho" e o subtítulo "A nova matança de uma velha guerra", e a categorização conceitual de "guerra" pelo *O Globo*, alinham-se ao que a Criminologia Crítica define como "senso comum criminológico midiático" (BATISTA, N., 2003, p. 15-16). Esse enquadramento funciona como um mecanismo de racionalização (POMPEU; HUNGARO, 2016, p. 157) que apresenta a violência estatal como uma resposta lógica a um conflito preexistente, ainda que o editorial d'*O Globo* já apontasse para falhas na operação.

Contudo, o ponto mais relevante da análise é a rápida evolução dessa narrativa. Já no segundo dia, 8 de maio, a cobertura se bifurcou: enquanto o *Extra* aprofundava a tese do padrão crônico de letalidade, *O Globo* promoveu uma escalada semântica fundamental, trocando "guerra" por "massacre". Essa transição representa uma "reconfiguração da intriga" (MOTTA, 2005, p. 5) que remove a simetria implícita no conflito, posicionando a polícia como perpetradora de violência unilateral. A mudança foi impulsionada por uma dupla estratégia paratextual: uma crítica afetiva, que explorou os "efeitos poéticos" (MOTTA, 2005, p. 11) ao focar no "luto e revolta" e em detalhes

chocantes como "A cama da criança estava encharcada de sangue", e uma crítica forense, que utilizaria dados para expor as contradições da versão oficial.

A partir do terceiro dia, 9 de maio, a tese de execução ganhou força, catalisada pela revelação de que "oito foram baleados em casas". O *Extra* adotou uma objetividade forense com o infográfico "*A radiografia da operação*", enquanto *O Globo* apostou na interpretação semântica com a manchete "*Trincheiras do horror*". No dia seguinte, essa dupla crítica se intensificou. Potencializada pelo Dia das Mães, a crítica afetiva humanizou as vítimas através do luto familiar, como na manchete "*Dia das Mães de dor e revolta*". Em paralelo, a crítica forense atacava a lógica da operação, destacando a desproporção entre o baixo número de armas apreendidas e o de mortos.

O clímax da desconstrução da narrativa oficial consolidou-se no quinto dia, 11 de maio. A manchete "*Dos 27 mortos no Jacarezinho, só 4 eram alvos da operação*" (EXTRA, 2021, p. 1) foi a prova estatística que desmantelou a justificativa da polícia. É nesse contexto que o infográfico "*A lista dos mortos*" revela sua complexidade. O dispositivo operou uma tensão dialética: por um lado, deu nome e rosto às vítimas, promovendo a visibilidade defendida pela Criminologia Crítica (BATISTA, 2007, p. 26); por outro, ao listar "anotações criminais", arriscou reforçar o estigma que legitima a violência (BATISTA, 2011, p. 102). O diferencial, contudo, foi o enquadramento dessa lista pela revelação da desproporcionalidade. Ao fazê-lo, os jornais instigaram o leitor a uma reflexão crítica: um passado criminal poderia justificar uma execução sumária? A estratégia subverteu o senso comum, demonstrando consciência do potencial estigmatizante da própria informação.

Finalmente, a cobertura do sexto dia, 12 de maio, ilustra o encerramento do ciclo de crise da notícia. A institucionalização do problema, com a criação da "Força-tarefa", deslocou o foco da denúncia para a burocracia. Em paralelo, a normalização estatística, ao confirmar o Jacarezinho como um "*território fatal*", embora crítica, arrisca reforçar a "geografização do extermínio". Essa abordagem pode, inadvertidamente, naturalizar a morte em certos espaços, alinhando-se à lógica da necropolítica que instrumentaliza a destruição de corpos em zonas de morte (MBEMBE, 2018, p. 11).

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS:

Este estudo investigou a construção das narrativas sobre a Chacina do Jacarezinho nos paratextos dos jornais *O Globo* e *Extra*. A análise revelou um processo discursivo complexo, validando a hipótese de que a mídia, longe de ser um ator monolítico, funciona como um campo de disputas. A principal conclusão é que, apesar de um ponto de partida alinhado ao paradigma bélico, a cobertura evoluiu para uma postura predominantemente crítica, desconstruindo a versão oficial — que sustentava se tratar de uma operação legítima na qual todas as mortes decorreram de confrontos com criminosos — e questionando as bases da política de segurança pública.

A trajetória narrativa pode ser sintetizada em três movimentos: 1) um enquadramento inicial de "guerra", que racionalizou a violência; 2) uma bifurcação e escalada da crítica, com o uso do termo "massacre" e a denúncia do padrão crônico de letalidade; e 3) uma desconstrução forense e afetiva da narrativa oficial. A estratégia de enquadrar a "Lista dos Mortos" com a revelação da desproporção demonstrou uma notável consciência crítica por parte dos veículos.

Os resultados implicam uma compreensão mais nuançada do papel da imprensa brasileira. Se por um lado ela pode reproduzir discursos que naturalizam a violência, por outro, demonstra capacidade de exercer a função de "cão de guarda" (watchdog), expondo contradições e humanizando as vítimas da necropolítica (MBEMBE, 2018). O estudo evidencia que os elementos paratextuais são centrais na construção do sentido e na orientação do debate público.

Naturalmente, esta pesquisa possui limitações, como o foco nos paratextos da mídia impressa. Em última análise, a cobertura da Chacina do Jacarezinho revela o jornalismo em sua essência mais complexa: um ator que, ao mesmo tempo que opera dentro de metanarrativas dominantes, também é capaz de subvertê-las. A análise demonstra que, naquele momento, a imprensa não apenas noticiou um massacre, mas participou ativamente da luta por seu significado.

Referências

ABREU, Jonas. A invenção da favela industrial: pistas da história, memória e identidade do Jacarezinho. *Ambivalências*, v. 8, n. 15, p. 262-300, 2020.

BATISTA, Nilo. **Introdução crítica ao direito penal brasileiro**. Rio de Janeiro: Revan, 1990a.

BATISTA, Nilo. **Punidos e mal pagos: violência, justiça, segurança pública e direitos humanos no Brasil de hoje**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1990b.

BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia; Revan, 2003.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução crítica à criminologia brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BATISTA, Vera Malaguti. A juventude e a questão criminal no Brasil. *In: Mitos e verdades sobre a justiça infanto-juvenil brasileira: Por que somos contrários à redução da maioridade*, p. 22-31, 2015.

EXTRA. Rio de Janeiro, 7-12 de maio de 2021.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GRUPO DE ESTUDOS DOS NOVOS ILEGALISMOS (GENI/UFF). Chacinas policiais. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 06 maio 2022. Disponível em: <https://geni.uff.br/2022/05/06/chacinas-policiais/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. 3. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MEDIA OWNERSHIP MONITOR. Extra. *Media Ownership Monitor Brasil*, 2017. Disponível em: <https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/detail/outlet/extra/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

MEDIA OWNERSHIP MONITOR. O Globo. *Media Ownership Monitor Brasil*, 2017. Disponível em: <https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/detail/outlet/o-globo/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2005.

O GLOBO. Redações de GLOBO, Extra e Expresso são unificadas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 maio 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/redacoes-de-globo-extra-expresso-sao-unificadas-21281862>. Acesso em: 19 jun. 2024.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 7-12 de maio de 2021.

POMPEU, J. C.; HUNGARO, M. A. Aspectos do "Direito Penal Desejado" em Comentários de Mídias Sociais: uma Análise Crítica. *Cadernos Do Programa De Pós-Graduação Em Direito – PPGDir:/UFRGS*, v. 11, n. 2, 2016. <https://doi.org/10.22456/2317-8558.58473>

PREVEDELLO, Carine Felkl. Extra: o jornalismo popular chega à liderança em circulação no país. *Revista PJ:Br*, São Paulo, 2008. Disponível em: https://pjbr.eca.usp.br/arquivos/dossie8_f.htm. Acesso em: 21 jun. 2025.